

Depois de horas pedalando, o pneu frontal da bicicleta de Nicole furou.

— Merda!

Ela estava no meio do nada, cercada por ruínas de prédios e por uma vegetação contorcida, triste e alaranjada. Atrás dela, quilômetros de estrada. Na sua frente, ainda mais asfalto. Ela deu um chute na bicicleta e se afastou, arrependida.

Notou um bando de jornais no chão. Centenas deles, na frente do que pareciam ser os restos de um posto de gasolina. Leu a manchete principal de um dos jornais, intitulado “*Correio Braziliense*”:

“Universitários espalham rumores de bombardeamento nuclear: Ameaça de ataque estrangeiro incita caos generalizado no país”.

Rumores? Não, senhor. Fatos. Nicole estava viva justamente porque seu irmão acreditou naquela história e a arrastou junto dele para um abrigo subterrâneo alugado — um lugarzinho apertado e insalubre. Não era de se admirar que ele pegou uma doença pulmonar e bateu as botas alguns meses depois de terem se enfiado naquele cubículo debaixo da terra.

Ela estava agora tentando seguir um endereço que seu irmão lhe deu antes de falecer; supostamente, seus outros amigos paranóicos estariam lá prontos para acolhê-la, mas ela simplesmente não conseguia desvendar o que diabos estava escrito naquele papel. Ela deu outro chute na bicicleta:

— Ai, mas que merda...

Olhou novamente para o papel. Não tinha nenhum nome de bairro, cidade ou rua; apenas letras e números. Morava em Brasília desde criança e ainda não sabia o que era um “SHIGS” ou uma “QNJ”.

“Que droga, Matheus!”, pensou Nicole, invocando o nome do irmão falecido. Ela pôs as mãos nos cabelos, passando os dedos entre os cachos em uma tentativa inconsciente de apaziguar o terror que crescia dentro dela, pouco a pouco, a cada segundo. Não queria acreditar que estava perdida; estava esperando o momento em que iria acordar em sua cama, antes de tudo aquilo acontecer, com remela nos olhos e preguiça de ir trabalhar.

Subiu na bicicleta novamente, se esquecendo do tombo que quase levou quando o aro da roda finalmente deu pau. Repetiu esse ato múltiplas vezes em poucos minutos: dava algumas pedaladas desajeitadas até levar um tombo de verdade, e então desistia. Era nesse momento que ela geralmente voltava a encarar o papel, vasculhando as profundezas da sua mente em busca de qualquer informação perdida sobre aquele endereço e se arrependendo profundamente de não ter prestado atenção nas coisas que seu irmão falava.

Após perceber que não conseguia lembrar de nada, ela voltava o olhar novamente para a bicicleta, tentada a dar mais uma volta.

Alguns minutos desse ciclo foram suficientes para que ela percebesse que aquele veículo não iria para lugar nenhum e que aquele endereço era uma cifra indecifrável que ela jamais conseguiria entender. “*Que merda, Matheus!*”, pensou, sem o mínimo de consideração pelo conceito de “descanse em paz”.

Sentiu fome. A moça tomou em suas mãos a única herança que recebera do irmão: uma solitária lata de milho em conserva. Se recusava em pensar naquilo como a sua última refeição. Ela detestava milho, mas detestava mais ainda pensar em morrer de fome — ou de envenenamento radioativo.

Nicole se rendeu às suas condições e tentou abrir a lata, só para se frustrar mais ainda: tinha esquecido o abridor no abrigo.

— Ah, vai à merda! — exclamou a moça para os céus, atirando violentamente a lata no chão. — Ah.

Se deu conta do que tinha feito. A lata só amassou um pouco, o que no mundo das latas significa que aquele milho tinha apenas mais alguns dias de vida. Não importava muito — ela literalmente não tinha mais pra onde ir. Chutou um pouco mais a lata até seus conteúdos se derramarem parcialmente no asfalto e, em seguida, recuperou o recipiente em suas mãos para comer o milho, arrependida.

— Ai, desculpa — falou para a lata, que não tinha como desculpá-la de volta. — Desculpa.

Seu rosto começou a ferver; seus olhos, a lacrimejar. Aquele milho só piorava tudo — era nojento. Não dava gosto de viver. Olhou para os céus esperando ver um anjo, mas não viu nada além de um feixe de fumaça no horizonte. Se engasgou no milho por um segundo — Fumaça!

Era um feixe de fumaça fraco, mas suficientemente visível; parecia estar a, no máximo, dois quilômetros dali. Aquilo teria de servir como o seu anjo. Se fosse só um incêndio florestal qualquer, Nicole se jogaria nas chamas.

É brincadeira — ela tinha mais medo de morrer do que de qualquer outra coisa.

Levantou-se do asfalto e saiu caminhando em direção à fumaça, levando sua bicicleta detonada consigo. Aquilo não poderia nem mais ser chamado de bicicleta — mas ainda era parte da família.

Primeiros erros

Era uma casa grande — três andares, pra ser mais exato. Portava uma pintura em tons de cinza escuro e janelas em um estilo vagamente europeu, detalhes que proporcionavam àquela casa uma sensação um tanto quanto mal assombrada. A alta cerca metálica que a circundava seria uma ótima adição ao seu visual tenebroso, se não fosse pela vegetação florida que se entrelaçava nas barras de metal do cercado. Flores belíssimas, como num conto de fadas — pensou Nicole.

Seus olhos passeavam por aquela fachada com uma mistura de fascinação e inveja. Aos seus olhos, estava diante de um palácio no Elísio grego, revelado para ela por meio de sinais místicos de fumaça enviados pelos deuses no claro objetivo de recompensá-la por todo o sofrimento que já vivenciou em sua estadia na terra. “Tome, minha filha. Seu presente final pelo seu impressionante escore de carma positivo.”

Na realidade, aquela fumaça só indicava uma coisa: a casa já tinha dono. Parecia vir da parte de trás do terreno. O único segmento da cerca sem cobertura vegetal era o portão, portanto, ela não conseguia enxergar através das trepadeiras sem invadir aquele território de alguma forma.

A moça retirou uma câmera instantânea de sua bolsa e tirou uma foto da casa. Algo tão lindo como aquilo deveria ser registrado — juntos das outras centenas de registros que ela mantinha naquela bolsa, empilhados em uma caixa de metal do Bob Esponja. Raramente olhava para as fotos, mas jamais se livraria delas. A maioria continha registros das feições de velhos conhecidos. Nicole não queria se esquecer.

Sentou-se numa árvore. Anoitecia. Nicole estava decidida a entrar naquela casa; iria saqueá-la e, com sorte, arranjar algum modo de manter seu sustento. Não tinha muita certeza dessa última parte, mas as coisas se ajeitariam. Sempre se ajeitaram — não seria diferente agora.

Há muito tempo atrás, Nicole aprendeu a abrir fechaduras para impressionar uma garota.

Estava de noite. Quando a fumaça se apagou e as janelas da casa escureceram, ela se pôs a trabalhar. Mantinha a imagem da garota em sua mente como se fosse a santa padroeira dos arrombadores de portas, abençoando cada um dos pinos que ela empurrava com seu clipe de papel.

Parecia estar dando certo, até ter sua concentração interrompida por uma voz:

— ...Posso ajudar?

Em apenas um segundo sua alma foi expulsa de seu corpo, dissolvida, e então convertida em pura adrenalina. Nicole gritou.

— AH!

Olhou através do portão, avistando uma figura imponente. Parecia ser um homem: vestia uma máscara de gás preta que ocultava sua identidade, a não ser por algumas mechas de cabelo escuro e ondulado. Usava trajes igualmente escuros, contrastados por um par de óculos metálicos pendurados no colarinho de sua camisa e um avental de cozinha esbranquiçado, o qual destoava do resto do visual obscuro. Ele também portava um rifle de caça — fato tal que, ao notá-lo, a moça se espantou ainda mais. Congelou. Ela queria sair correndo, mas não gostava muito da ideia de levar um tiro. Antes de poder reagir, o homem retirou uma chave do bolso e abriu o portão por conta própria.

Nicole considerou, por uma fração de segundo, a possibilidade de ele estar a convidando para entrar. Ficou confusa.

— A bolsa.

O homem fez menção à bolsa da moça com o cano da arma. “*Ele quer a minha bolsa?*”, pensou. Não senhor. Não, Senhor! Aquela bolsa era a sua vida inteira. Suas fotos; suas memórias. Sua lata de milho. Suas ferramentas...

— A bolsa, por favor. — insistiu ele, apontando o cano da arma para os olhos lacrimejantes da pobre invasora.

Aquilo com certeza era uma punição dos Céus. Não deveria ter tentado invadir propriedade alheia. Ela cedeu; entregou sua bolsa para o homem, que trancou o portão logo em seguida.

— Não saia daí — ameaçou ele, com o rifle em mãos. Agachou-se na grama e apoiou a arma no colo, vasculhando a bolsa da moça. Ele analisava cada um dos objetos e, em seguida, os atirava no chão, para a agonia da dona.

Só tinha tralha. Além de um canivete pequeno e uma bolsinha com ferramentas de precisão, aquela mulher carregava quase um quilo de quinquelarias em grande parte inadequadas para um cenário pós-nuclear: tintura e descolorante para cabelo, sombra e lápis para olhos, inúmeras canetas esferográficas, equipamentos de costura e uma caixa metálica preenchida por fotografias, dentre muitos outros objetos.

Era impossível visualizar seu rosto, mas o homem não pareceu impressionado por nada do que viu. Finalizada a vistoria, ele enfiou tudo de volta no lugar. Apontou seu rifle para a mulher novamente:

— O que você quer?

Ela tremia. Resolveu priorizar a honestidade:

— Nada! Quer dizer... eu só queria comida. E um lugar pra dormir, sei lá...

Silêncio. Era um pouco difícil enxergar no escuro, mas Nicole conseguiu distinguir um sinal feito pelo homem com a mão, o qual ela interpretou como um “espere aí”. Ele se dirigiu para o fundo de sua casa, de onde tinha saído, e voltou um minuto depois com uma coxa de frango empratada em cerâmica.

Abriu o portão por um momento, devolvendo a bolsa da moça e entregando o prato para ela. Então trancou-o novamente.

Nicole estava maravilhada.

— Você tem carne?! Nossa, muito obrigada!

Mordiscou o frango. Estava frio, mas bom. Mal se lembrava do gosto das coisas que não vinham de dentro de latas. Levantou o rosto para observar o homem novamente mas, assim como apareceu, ele havia ido embora, sem fazer barulho. Ela não se importou — roeria aquele frango até o osso.